



★
Lindo
quadro
de
Nossa
Senhora
do
Perpétuo
Socorro,
à qual
o povo
fiel
tem
tanta
devoção.

SÃO PAULO, 2-9 - XI - 1958

ANO LX

NÚMEROS 41-42

ave
maria

Três dimensões do reinado de Maria

Vivos e mortos, o céu, a terra e o purgatório, tôdas as faces da Igreja de Jesus, são o domínio de Maria.

Ela se estende, analogicamente, nas dimensões do próprio Deus, numa quase onipresença de amor e de vigilância, de esperança e libertação, de triunfo e de glória.

Maria ampara a Fé na Igreja Militante, a Esperança da Igreja Padecente, o Amor luminoso da Igreja Triunfante.

Não sem causa, o maior motivo de credibilidade humana dos pequeninos é a autoridade da mãe. Todo o mundo de seus pequenos conhecimentos e iniciais descobertas, são as palavras de ensino e orientação materna. As crianças vêm com os olhos de sua mãe, falam pelas suas palavras, sentem com os seus afetos.

Assim, na ordem sobrenatural, — onde é muito mais sublime o motivo de crer, sem o testemunho dos sentidos, — Nossa Senhora, em sua sublime e espiritual maternidade, ampara a nossa Fé.

Seria mais difícil crer, se não houvesse Maria. Nós nos sentimos assegurados nos olhos da alma, ao contemplar o céu, ao adorar a Santíssima Eucaristia, ao olhar receiosos os caminhos do futuro e as grandiosas realidades do Eterno, quando pensamos que os olhos de Nossa Senhora colimam as mesmas perspectivas, para nós seus filhos.

Melhor falamos a Deus, em nossas preces e súplicas, ou aos outros, em nossas exortações e conselhos quando nos apropriamos das palavras de Maria, ouvidas no íntimo de nosso coração, no santuário de nossa alma.

E se dilatam todos os nossos amores, de Deus, do próximo, de tôdas as criaturas, se os confirmamos no Coração Imaculado daquela Rainha sobreamada de todos os corações...

A Esperança é a grande vivência do Purgatório.

Não há mister às almas purificadas, a Fé, porque elas já passaram o estágio do combate, já entraram no deslumbramento das luzes que lhes deram a conhecer Deus.

Mas, precisamente por isso elas sofrem, uma vez que a visão do Senhor lhes foi um aceno apenas, de gozo inexcelsível, ainda não conquistado definitivamente.

A purificação as retém. É preciso limpar de todo, os caminhos da alma, para a glória imaculada do paraíso. Nenhuma nódoa, mancha alguma pode entrar no céu.

Ora, elas têm Esperança. Uma radiosa e inabalável

vel e definitiva Esperança. Feita de certezas extasiantes e maravilhosos antegozos da posse formosa e unitiva do Deus de Amor eternamente venturoso...

A mais bela fimbria dessa Esperança é Maria. Sabem as almas que é a Rainha que as virá buscar. Que está velando por elas, colhendo sôfregamente as flôres de tôdas as preces e sufrágios, de tôdas as súplicas e implorações que sobem da terra, para aliviar a expiação e apressar a recompensa.

Sobretudo, se foram suas devotas, e a Ela se consagraram de todo, e Lhe entregaram suas sortes, também no Purgatório. Se, com solícita atitude Lhe aceitaram um pedaço do Manto querido, e se escudaram com a proteção de seu Escapulário precioso.

Aguardam, plenas de vivaz confiança, a visita da Senhora Libertadora, alegria de sua Esperança, segurança de sua Viagem desejada, pórtico daquele suspirado Paraíso de Jesus!

As sinfonias do céu cantam Amor.

Amor que venceu, que se espraia nos júbilos divinos, que abraça todos os corações igualmente felizes e recompensados, que se extasia na bem-aventurança de afetos que já não podem pecar, já não podem afastar de Deus.

Muito mais do que os sentidos, mais do que a inteligência, as venturas do coração, enfim liberto, enfim senhor de todos os amores, enfim entregue a todos os corações diletos, vive na Eternidade sua bem-aventurança definitiva.

Mas, se ao Sol de Deus se aquecem os santos, venturosos para sempre, é ao timbre do Coração de Maria que afinam suas melodias de amorosa gratidão.

Porque sabem, agora com insuperável clarividência, que a Nossa Senhora devem essa felicidade. Porque foi Ela quem guardou o coração de amores desviados, a alma de insidiosos apegos, a vida de diabólicas flamas, que teriam comprometido a vitoriosa ascensão para o gozo delicioso do amor de Deus.

Rainha do Paraíso, Ela triunfa sobretudo no amor de seu Coração.

Tôdas as dimensões da Santa Igreja se ajuntam à Grande Rainha.

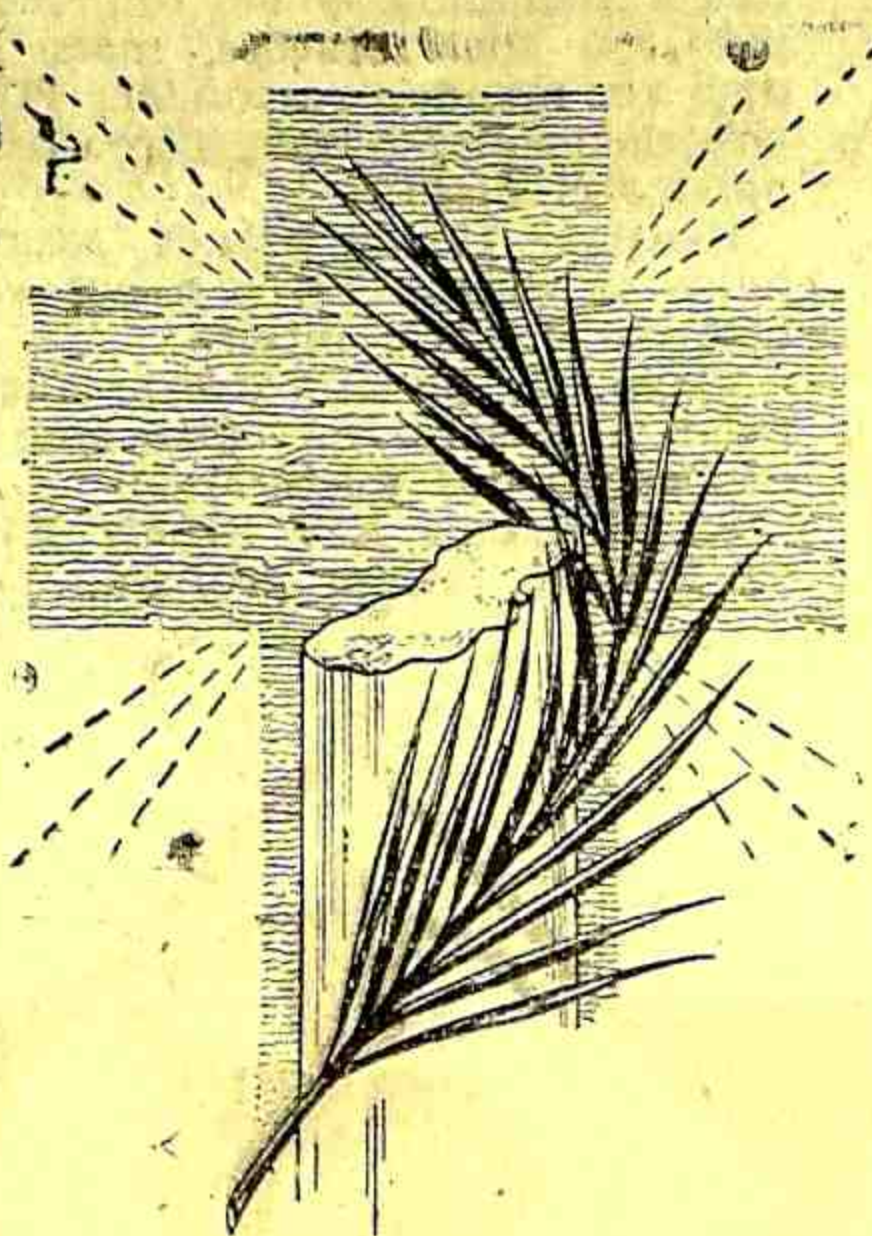
É universal o seu reinado, infinito o império de seu amor.

Por que Lhe haveríamos de fechar, com impiedade, com ingratidão, com triste perspectiva para nossa futura felicidade, o nosso coração?

● **Origens históricas** — A instituição de um dia comemorativo de todos os Fiéis defuntos cujas almas ainda estão penando no Purgatório, remonta ao piedoso e santo monje Odilon, abade de Cluny, falecido em 1048, que decretou, em 998, que em todos os Mosteiros da Ordem de São Bento, fôsse celebrado, depois das Vésperas do dia 1 de novembro, o Ofício litúrgico em sufrágio das almas dos fiéis falecidos. Este costume foi imitado por muitos, e afinal adotado pela Igreja Universal. O Papa São Pio X deu ao dia dos mortos o nome de "grande festa das pobres almas"; cada sacerdote pode celebrar por elas três santas Missas, no dia 2 de novembro, e os fiéis, desde as 12 horas do dia 1 de novembro, até à noite do dia 2, poderão lucrar indulgências plenárias "toties

DIA 2 DE NOVEMBRO:

FINADOS



quoties", em sufrágio das almas do Purgatório. Auxiliemo-las; elas não se podem socorrer a si mesmas, e esperam tudo de nós.

● **O Martirologio da Igreja**, no dia 2 de novembro, diz: "Fazemos hoje a comemoração de todos os Fiéis defuntos. A Igreja, nossa Mãe comum, após ter cuidadosamente celebrado, com dignos louvores, todos os seus Filhos que já gozam da felicidade celeste, na Igreja triunfante, quer também socorrer todas as almas que ainda estão purificando-se no Purgatório, e que formam a Igreja padecente. A Igreja militante, que somos nós, intercede por elas, com todo o seu poder, junto a Deus e a Jesus Cristo, para que elas se reunam, o mais depressa possível, à Comunidade dos cidadãos do Céu".

Pensamentos...

Se fizermos uma investigação de sociologia religiosa sobre o grau de compreensão e convicção de alguns católicos quanto à sua religião, notaremos não poucas deficiências.

Uma delas — influxo da época mecanizada e estandardizada — é um certo automatismo social nas práticas religiosas. São os imperativos da vida social; as exigências dos costumes, tradições e modas.

Assim, por exemplo, o santo sacramento do matrimônio, para alguns, é mais um ato social, exterior, humano e terreno, do que uma realidade sacramental, interior, divina e celestial. Nem os noivos, nem os parentes pensaram talvez que o matrimônio, sendo sacramento de vivos, prerrequer o estado de graça santificante nos nubentes. Mas, os acessórios, os enfeites do altar, as músicas a serem executadas, os vestidos a trajar, a assistência numerosa, os fotografos e o banquete, tudo já foi previsto e programado, há muito tempo. Eis porque alguns casamentos mais parecem atos sociais que ritos religiosos.

Esta mesma inversão de valores verifica-se em dia de Finados.

Quantos, neste dia, levam flores aos túmulos dos entes queridos; desfolham pétalas, orvalhadas com lágrimas da sua saudade de filho, esposo ou pai. E talvez, não ofereceram a Deus uma prece, uma santa Missa pelo seu querido finado. E as flores murcharão; as lágrimas evaporar-se-

ão, sem nenhuma repercussão na outra vida, em favor do querido finado.

Outro ponto a considerar, é o dos Finados por inteiro e Finados pela metade.

Finados por inteiro — os que, falecendo na inimizade de Deus, morreram no seu corpo e na sua alma; morreram por inteiro; o corpo foi para o sepulcro, e a alma ficará para sempre longe de Deus, que é a Vida. A estes, tanto se lhes dará que as comemorações que se lhes fazem no dia 2 de novembro sejam uma simples formalidade social, de flôres e de lágrimas, ou uma prece fervorosa; eles não são mais receptivos de sufrágio. Há também os

Finados pela metade — os mortos do corpo e vivos da alma. São todos aqueles que morreram na amizade e na graça divina do Pai do Céu. Suas almas são destinadas ao Paraíso, mas precisam ainda purificar-se no Purgatório, antes de se apresentarem na glória do Céu. É para estas almas que foi instituído o dia cristão de Finados, em que os vivos ajudam, com suas orações e sufrágios, essas almas queridas a saírem quanto antes do Purgatório e ir para junto de Deus. Este é o sentido cristão e verdadeiro do dia de Finados. Para os ateus e materialistas, o dia 2 de novembro não tem quase nenhuma significação. Se o homem é matéria, e se não existe vida futura, que significa a comemoração dos mortos? —

em dia de finados

Nada, ou quase nada. Apenas a lembrança daquilo que já não mais existe. O ateísmo é pois morte total. Mas o homem anseia pela vida, e todo o ser vivo repulsa, metafisicamente, a sua própria destruição. Eis porque existem muito poucos ateus verdadeiros e convictos, porque para ser-se ateu é necessário ser-se menos homem.

Sómente as religiões, que ensinam a sobrevivência da alma humana em outra vida futura, é que dão explicação e sentido ao dia de Finados.

Mas, a explicação única e exata, não é a do Espiritismo, com suas fantasmagóricas teorias das reencarnações sucessivas em vidas anteriores e posteriores à presente; nem o Budismo, com seu imaginário nirvana — uma espécie de liquidificador de almas, onde elas se despersonalizam e se submergem totalmente num ser universal, após a morte do corpo..., mas sim a da Religião cristã, onde tudo se sublima em vida, nas atividades puras da inteligência e nos impulsos vitais do amor.

A alma pura voa para Deus, que é Vida eterna de amor. E o próprio corpo não faz mais do que descansar em paz o sono tranquilo da morte, à sombra de uma cruz sagrada, esperando que a sua alma venha buscá-lo um dia para o triunfo eterno da vida, na ressurreição final.

Creio... na ressurreição da carne, na vida eterna...

A. M. B.

★ A maioria dos peixes pode mudar à vontade de cor para

se adaptar ao meio que os rodeia. Os peixes cegos, das grandes pro-

fundidades não possuem porém esta faculdade.

À MARGEM DO EVANGELHO

VIGÉSIMO QUARTO DOMINGO DEPOIS
DE PENTECOSTES

Eis uma das muitas passagens do Evangelho em que Jesus alude ao inferno abertamente: o joio — os maus — será lançado no fogo.

Numa época em que as religiões, que combatem a nossa santa religião de N. S. Jesus Cristo, se servem da negação do espantoso inferno para aliciar as almas e atraí-las a seu grêmio, não é fora de propósito coordenar algumas idéias acerca do dogma do castigo eterno.

Principiemos por salientar que os católicos também se horrorizam com o inferno e se compadecem dos condenados. Seu coração se tece com as mesmas fibras sensíveis da maioria dos homens. Quem folheia os apócrifos, livros de outrora que se apresentavam como se pertencessem à Sagrada Escritura, pára, estranhando, com o dedo sobre repetidos trechos que lhe falam de férias no inferno, contando que Deus algumas vezes concedeu às desesperadas almas sair por pouco tempo do foco de toda a infelicidade. É que aquêles cristãos, impressionados com os terrores infernais, não lhes podendo limitar a eternidade, ao menos lhes inseriam breves exceções. E ainda há pouco, perto de nós, o escritor Papini pretendeu roubar ao inferno o seu próprio chefe. Não sem razão, pois, uma convertida sueca raciocinava que a tal ponto a idéia do inferno contraria e assusta o homem, que ele jamais o imaginaria para si. Deve ter sido a Divindade quem lhe impôs essa crença generalizada.

Mas, apesar de tudo, nós, católicos, cremos no inferno. Por que motivo? Porque Jesus numerosas vezes declarou sua existência, descrevendo-o como um lugar de sofrimentos eternos, de fogo inextinguível. E Jesus, como Deus, não pode errar, nem pode querer lograr-nos. Estaria contra sua ciência e santidade infinitas. E a autoridade da Igreja, a quem Jesus confiou a interpretação de sua palavra transmitida pela escrita e lhe prometeu a assistência infalível a fim de não errar nessa interpretação, a autoridade da Igreja assim nos manda entender as expressões de N. Senhor. Leia-mos sem preconceitos os versículos 41 e 46 do capítulo 25 de S. Mateus, como o versículo 17 do capítulo 3 de S. Lucas.

E com nossa própria inteligência percebemos que deve existir o inferno. Seria justo que o que sofre na terra, gozasse do prêmio que cabe também ao mau, que o perseguiu?

Além disso, caiamos na conta de que Deus aprovaria o mal tanto como o bem. Figuremo-nos

(S. Mateus, 13, 24-30)

Naquele tempo, disse Jesus às multidões esta parábola:

“O reino dos céus se assemelha a um homem que semeou boa semente em seu campo. Enquanto, porém, sua gente dormia, veio o inimigo dêle e semeou cizânia entre o trigo e foi-se embora. Quando cresceu a erva e deu fruto, então apareceu a cizânia.

Acercando-se os criados do amo, lhe falaram: — “Senhor, não semeaste boa semente em teu campo? Donde vem que haja cizânia?”

E êle lhes respondeu: — “Um homem inimigo fez isto”.

Disseram-lhe os servos: — “Queres que vamos e a arranquemos?”

E lhes disse: — “Não, não seja que, ao querer arrancar a cizânia, arranqueis com ela o trigo. Deixai que ambos cresçam até a messe, e no tempo da messe direi aos segadores: Colhei primeiro a cizânia e atai-a em feixes para queimá-la, e ao trigo recolhei-o em meu celeiro”.

a cena do bom e do mal apresentando-se diante de Deus, que aprova o procedimento de um e de outro, mandando-os à recompensa. Fabricariamos uma caricatura de Deus.

Finalmente, consideremos como os homens abririam todos os diques aos vícios e pecados, se lhes tiramos a ameaça do inferno. Embora muitos pratiquem a virtude com os olhos fixos somente em Deus, grande parte da humanidade só se detém diante do mal atraente por causa do temor do castigo. Dante, querendo soerguer da degradação os homens de sua época, assustou-os com a descrição viva dos castigos do inferno, onde pôs a penar os pecados com nomes próprios e célebres.

Façamos um ato de fé no dogma do inferno, e desta verdade construamos um estímulo que nos lance longe do pecado nos momentos de grandes perigos, de tentações, ou, então, que nos faça trabalhar mais pelas almas que lá se despencam todos os dias.

P. e. ATHOS LUÍS CUNHA, C. M. F.

FUTEBOL NOTURNO

Sonho religioso de um futebolista.

Medite-o; é rico em sugestões...

Jesus Cristo "a uns "deu"... serem apóstolos, a outros profetas, a estes evangelistas, àqueles pastores e doutores, a fim de de aparelharem os santos, para a obra do ministério, na edificação do corpo de Cristo, até que todos nós cheguemos à unidade da fé e do conhecimento do Filho de Deus... Em virtude de sua vida — o corpo todo coordenado e unido pelo vínculo de ministério que corresponde à força própria de cada membro — cresce e se edifica na caridade". (Efésios, IV, 11-16).

Hoje, no estádio, a noite se agitava, povoada de dez mil sombras,

E quando os refletores pintaram de verde o veludo do imenso gramado

A noite entoou um coral, secundado por dez mil vozes. Porque o mestre de cerimônias havia feito o sinal de começar a função.

A imponente liturgia se desenrolava sem dissonância. A bola branca voava de oficiante em oficiante como se tudo minuciosamente tivesse sido preparado de antemão.

Ela passava de um para o outro, corria rasteira ou voava por cima das cabeças.

Cada um estava no seu lugar, recebendo-a por seu turno, de um chute calculado, passava-a para o outro e o outro lá estava para colhê-la e despachá-la.

E porque cada um realizava o seu trabalho, no lugar preciso,

Porque fazia o esforço solicitado,

Porque sabia que tinha necessidade de todos os outros, Lentamente, mas com segurança, a "redonda" avançava;

E quando se recolheu o trabalho de cada um,

Quando o coração dos onze jogadores vibrou unísono,

A equipe carregou de cima e marcou o tento vencedor. Quando penosamente, na saída, se escoava a imensa multidão, nas ruas demasiado estreitas,

Eu pensava, Senhor, que a história humana, para nós uma longa partida, era para Ti, essa Grande Liturgia,

Prodigiosa cerimônia começada na aurora dos tempos e que não se terminaria senão quando o último oficiante tivesse completado seu último gesto.

Nesse mundo, Senhor, cada um de nós tem o seu lugar, Treinador previdente, desde sempre Tu no-lo destinaste.

Tu tens necessidade de nós aqui, nossos irmãos têm necessidade de nós e nós temos necessidade de todos.

Não é o lugar que eu ocupo, Senhor, que é importante, mas a perfeição e a intensidade de minha presença.

Que importa que eu esteja no ataque ou na defesa, se eu me emprego a fundo naquela posição em que devo estar?

.....
Eis, Senhor, meu dia diante de Ti...

Será que eu não me refugiei demais sobre a linha de fundo, criticando os esforços dos outros, com as duas mãos nos bolsos?

Mantive-me bem no meu lugar, e quando Tu olhavas para o nosso campo me encontraste?

Recebi bem o "passe" de meu vizinho e o do outro, bem do extremo do gramado?

"Servi" bem a meus colegas de equipe sem excesso de jôgo "individual" para fazer exibição?

"Construi" bem o jôgo de molde a que a vitória seja obtida e com a contribuição de todos?

Tenho eu lutado até o fim apesar dos insucessos, das "solas" e das "caneladas"?

Não me deixei perturbar pelas manifestações dos colegas de equipe e dos espectadores, ou desanimar pela incompreensão e pelas vaias, ou envaidecer-me pelos seus aplausos?

Tenho eu pensado em rezar a minha partida, não esquecendo que aos olhos de Deus, esse jôgo dos homens é o mais religioso dos ofícios?

Entro agora para descansar no vestiário, Senhor;

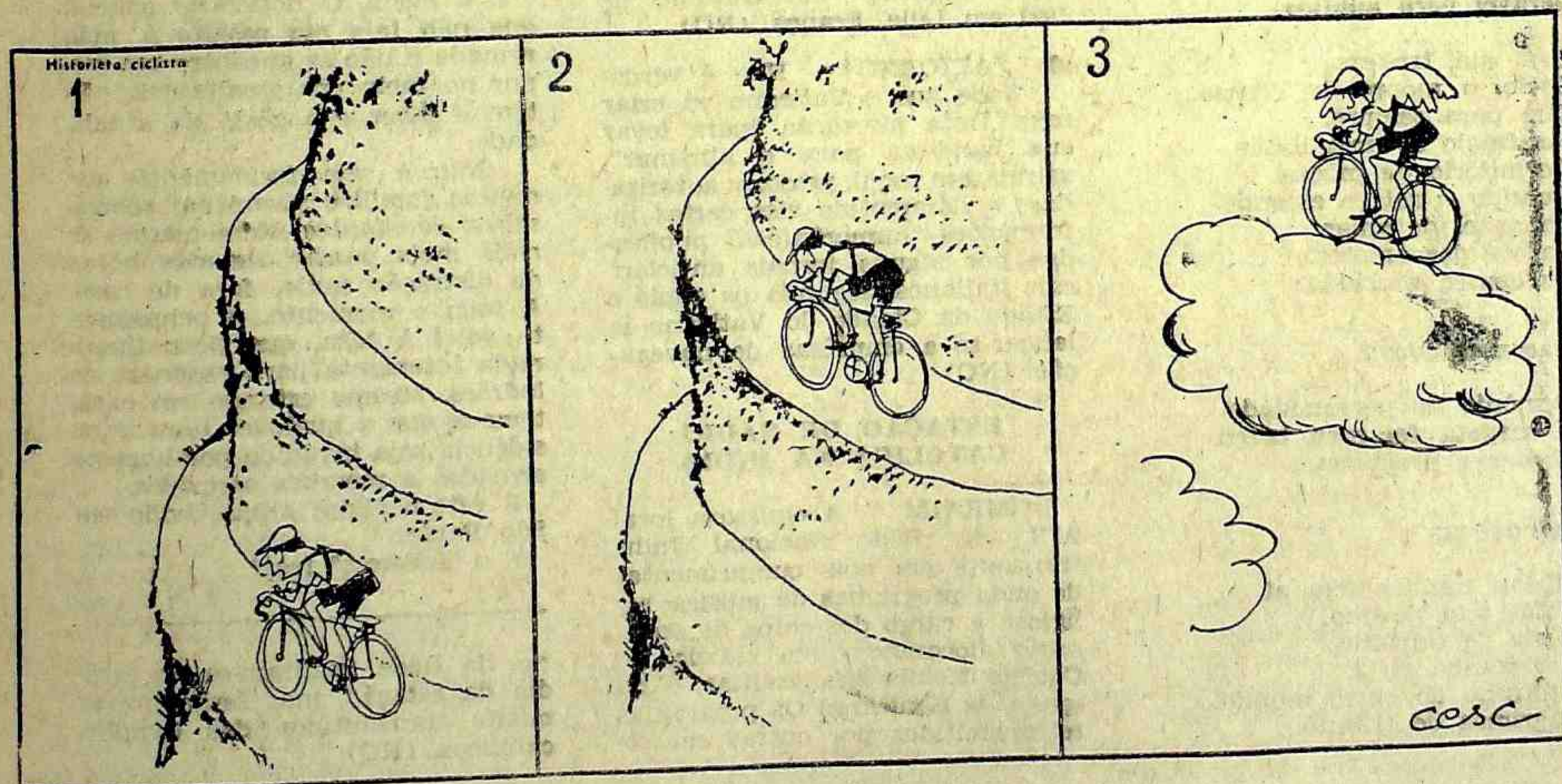
Amanhã, se Tu trilhares o apito inicial, eu jogarei outro meio-tempo,

E assim cada dia...

Faze que essa partida celebrada com todos os meus irmãos seja a imponente liturgia que Tu esperas de nós,

A fim de que ao Teu último sinal de apito, interrompendo nossas vidas,

Nós sejamos selecionados para a Copa do Céu.



2 minutos de lazer...

NO TRIBUNAL

— O senhor é acusado de ter penetrado num estabelecimento musical e furtado um piano. Como é que fez uma coisa dessa?

— Bem, senhor juiz, foi num momento de fraqueza.

★

OS PARENTES DO RÉU

— O réu tem parentes próximos?

— Não, senhor.

— Não disse, há pouco, que tinha pais e irmãos?

— Mas não estão próximos. Vivem em Manaus.

★

NO DENTISTA

O cliente: — Mas esse não era o dente que eu queria que me tirasse.

O dentista: — Sossegue; lá chegaremos.

★ 6,5 milhões de chegadas de hóspedes registraram os hotéis, pensões e sanatórios da Suíça, durante o ano p. passado. Estes hóspedes passaram na Suíça um total de 24½ milhões de noi-

tes. Em relação ao ano de 1955, a cifra de chegadas aumentou de 23% enquanto que o total de noites passadas pelos hóspedes acusa um aumento de 26%.

Oficialmente calcula-se que os visitantes estrangeiros gastaram na Suíça no ano de 1956, cerca de mil milhões de francos suíços. A alta frequência de turistas estrangeiros, na Suíça, nos últimos 12 meses deve-se em parte ao fato de que o nível de preços acusava naquele país a maior estabilidade. Comparando esta estabilização de preços com a evolução inflacionista em outros países da Europa, a estadia na Suíça para os turistas estrangeiros não resulta cara.

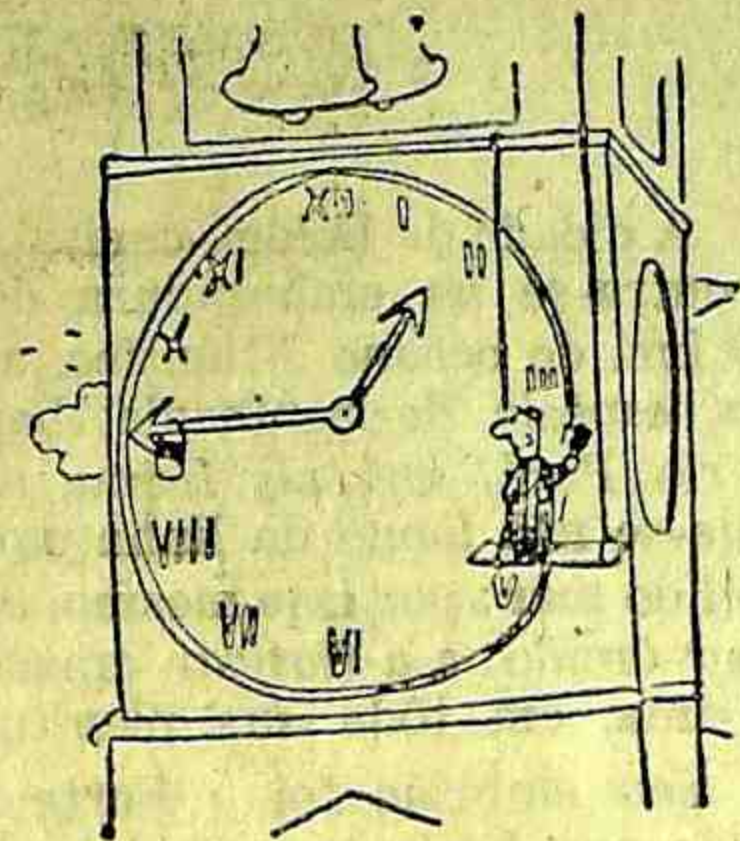
★

Um pateta entra numa loja de louças, repara num vaso que está colocado com a boca para baixo e exclama:

— Ora esta! O artista que fez este vaso não é muito esperto. Nem se lembrou de fazer um buraco para se lhe poder meter dentro água e flôres.

Nisto pega no vaso, vira-o de baixo para cima e desata a rir:

— O homem ainda é mais tolo do que eu julgava! Não pôs fundo no vaso! Mesmo que se metesse água dentro escorria toda.



★ O volante de um relógio de bolso executará um movimento de vai-vem, mas se em vez de funcionar dessa maneira oscilante, girasse avançando constantemente, no mesmo sentido de uma roda de carro, percorreria num dia 36 quilômetros, e em pouco mais de três anos, daria volta ao mundo.

★ O canal do Suez tem 164 quilômetros de comprimento e para o construir tiveram de ser removidos 70 milhões de metros cúbicos de terra. Foi começado em 25 de Abril de 1859 e terminado em Novembro de 1869. Ao princípio só se contavam 150 trabalhadores na praia de Port-Saïd. Dois anos depois trabalhavam 8.000 operários na construção do canal e no ano seguinte eram já 26.000.

AÇÃO FORMATIVA DO RÁDIO, CINEMA E TELEVISÃO — CONCLUSÕES DO CONGRESSO DA U. I. D. M. P., NA SUÍÇA — PAPEL TRANSCENDENTAL DA RELIGIÃO — LEGISLAÇÃO DEFICIENTE.

FRIBURGO, Suíça (NC) — “As autoridades de diversos países mostram mais interesse pela moral pública, mas falta-lhes em geral uma legislação apropriada.

É esta, em resumo, a conclusão de um estudo feito pela União Internacional de Defesa da Moral Pública, que realizou aqui o seu segundo congresso. A organização foi fundada em Paris em 1955 e é constituída atualmente por 74 grupos-membros, de 17 países.

O estudo que fez, por meio de um questionário remetido a organizações de oito nações, revela que em geral as autoridades parecem mais despertas no seu mister de vigiar a moral pública, mas não costumam encontrar nesse trabalho a assistência de uma legislação adequada.

As organizações que responderam ao questionário estão acordes unanimemente no valor das crenças religiosas para promover a defesa da moral pública, e em que são os movimentos por ela inspirados — católicos, protestantes e judeus — os que realmente se interessam por essa defesa.

Disseram também que a UIDMP é ainda pouco conhecida e desperta interesse escasso; sugeriram

várias fórmulas para que lhe seja dado caráter mais internacional, por meio de inclusão, como associado, de personalidades de diversos países e mediante o intercâmbio de experiências entre as organizações nacionais.

O professor José Folliet, da Universidade de Lyon, e secretário das Semanas Sociais Francesas, falou ao congresso sobre a relação entre moral e opinião pública, e disse que para um trabalho positivo de moralização é preciso “fazer ambiente” entre o público, contar com seu apóio e compreensão. Para isso, concluiu, necessita-se de vencer a influência de poderosos grupos de traficantes do vício, que operam em grande escala internacional, e servir-se dos meios modernos de informação e propaganda como o cinema, o rádio e a televisão.

Mons. François Charrière, bispo de Genebra e de Friburgo, disse que a União, deve agir internacionalmente na proteção da moral pública. Reconheceu, porém, que essa ação apresenta o problema de conciliar diferentes pontos de vista quando se tratar de colaboração de grupos de diversas crenças religiosas, embora tal colaboração se pudesse conseguir criando-se uma atmosfera de respeito mútuo.

metrópole da Amazônia

cíveis, de progresso e de riqueza, passando a contar com melhoramentos públicos, que até hoje lembram essa fase áurea de sua existência.

Terminado o ciclo da borracha, o marasmo e a decadência passaram a dominá-la, fazendo cair sua população para 208.000 habitantes, em 1940. Pelo censo de 1950, sua população era de 255.000 habitantes. Mas houve uma reação e, atualmente, sua população é estimada em 320.000 habitantes.

A função comercial continua a ser, como no ciclo da borracha, a mais importante, concentrando-se no trecho mais antigo da cidade, próximo ao velho Forte do Presépio, com suas ruas estreitas e de traçado irregular (onde se localizam as pequenas lojas e os escritórios comerciais e onde se erguem imponentes sobrados, recobertos (azulejos); mas estende-se também através da Avenida 15 de Agosto, que é hoje a mais importante artéria da cidade, com seus arranha-céus, suas casas de comércio fino e os melhores hotéis. Todavia, é junto ao pôrto que se pode perceber

a força de sua vida comercial: não apenas junto ao cais acostável (que tem 2 km. de extensão e junto ao qual se erguem 15 armazéns), mas também no mercado do Ver-o-Pêso, onde atracam as "vigilengas" e outros barcos de todos os tipos, que levam a Belém o que há de mais típico no Baixo Amazonas: arroz, frutas diversas, sementes oleaginosas, borracha, farinha de mandioca, peixe, gado, etc.

A zona residencial apresenta muitos contrastes, distinguindo-se os bairros elegantes (com suas casas confortáveis e isoladas, no meio de espessa arborização) e os bairros modestos e pobres (onde a miséria campeia e predominam as casas de madeira, cobertas com fôlhas de palmeiras).

Por sua população, pela sua posição geográfica e pelo movimento do seu pôrto, a cidade de Belém pode orgulhar-se de ser a verdadeira metrópole da Amazônia.

Prof. HAROLDO DE AZEVEDO

BELEM

Praça
Castilho
França



afirmam, convictos, sua missão apostólica

apostolado dos congregados nos mais variados ambientes: escola, família, esfera profissional, caridade e trabalho paroquial, entre outros. Uma das resoluções pede intensa atividade da Federação Mundial em prol dos necessitados do mundo inteiro. O físico Thomas Monahan, de Brooklyn, que foi conselheiro das provas nuclea-

res de Nevada, disse que os homens de ciência foram "moralmente negligentes" por não terem insistido há anos na necessidade de estudar a fundo os perigos da radiação atômica. Referindo-se a um recente relatório de um Comitê Científico das Nações Unidas sobre os efeitos dessa radiação, considerou-o um "eco" da

advertência de S. S. o Papa Pio XII na mensagem de Natal de 1955 sobre o possível risco das provas nucleares quando não se conhecem os efeitos daninhos que podem trazer. Os Congregados Marianos norteamericanos prometeram finalmente trabalhar pela consagração no mundo inteiro, das famílias ao Imaculado Coração de Maria, segundo pediu o Santo Padre fôsse feito neste ano do centenário de Lourdes.

Sublimes horizontes femininos

A mulher é sempre mãe — A verdadeira maternidade não é somente um fato biológico. É antes uma exigência e uma tendência do espírito, que dá à alma da mulher uma inconfundível característica, mesmo quando ela não seja nem esposa nem mãe. A mulher é mãe mais pelos seus dotes interiores, do espírito, do que pelas qualidades exteriores e corporais; e quem coloca a sua dignidade unicamente na sua maternidade física, rebaixa-a a degradante animalidade.

Ela poderá renunciar à maternidade física, mas não poderá renunciar àquela maternidade inata do seu espírito e do seu ser, sem ir contra a sua própria natureza.

A maternidade física é um dom da natureza; a espiritual, é fruto do amor, do qual a mulher é a mais nobre depositária; a maternidade sobrenatural é efeito da graça divina.

A maternidade espiritual está acima da natural, tanto quanto o espírito se eleva sobre a matéria, e se completa na virgindade. A maternidade espiritual não é um atrofiamento da maternidade natural e física; antes é a sublimação do sentimento materno. A virgem, que reserva todo seu ser para as obras caritativas nos orfanatos, asilos, hospitais, não contraria a sua natureza feminina, mas nobilita-a e orienta-a para um ideal mais luminoso e santo do que a formação de um lar e o cuidado de uma única família.

Há infinitas coisas, especialmente em nossa época, que exigem a intervenção da mulher: "no princípio e no fim de todas as grandes realidades, encontreis a mulher".

Desde os albores do Cristianismo, a mulher constituiu, na Igreja, uma força e uma potência insubstituível. O próprio Jesus, quando viveu entre os homens, recebeu a colaboração de algumas piedosas mulheres; acolheu-as, amestrou-as, perdoou-as e defendeu-as. O mesmo Evangelho narra histórias e parábolas, em que a mulher aparece como protagonista e exemplar de virtude. Os Apóstolos também aceitaram a companhia e a cooperação de piedosas mulheres, em suas lides apostólicas.

Hoje, em todo o mundo, com suas Ordens religiosas femininas, a Igreja católica tem uma verdadeira falange de mães espirituais, floração celestial que eleva ao céu o perfume da sua caridade para com o próximo em todos os

setores da vida social, ou o incenso incessante da sua oração a Deus, pelo mundo inteiro. Não são lírios acerejados pelo sangue do martírio, como nos primeiros tempos do Cristianismo; mas a sua vida é uma imolação contínua pelo sacrifício e dedicação total de cada dia. A sua vida é sobrenaturalmente fecunda pelo exercício da caridade cristã, que é uma sublimação e complemento da maternidade.

Virgindade não é esterilidade, mas maternidade espiritual. Nem mesmo é necessário, para a maternidade espiritual, que se tenha junto a si um grupo de pessoas às quais se dispensam cuidados maternos; isto não é necessário, porque o espírito atua sobre o espírito mais eficazmente ainda, sem a convivência física da pessoa. Maternidade é dedicação, sacrifício; e esta maternidade será tanto mais sublime e elevada, quanto for mais sobrenatural o motivo pelo qual ela se devota ao próximo. A dignidade da mulher culmina na maternidade do seu espírito, que lhe coloca sobre a fronte uma coroa de grande beleza e confere à sua pessoa aquela doce majestade que a torna respeitável e digna da veneração de todos.

Os dois grandes ideais da mulher: maternidade e virgindade, não são incompatíveis nem se contradizem entre si. Entretanto, nenhuma mulher pôde tê-las ambas ao mesmo tempo, exceto a única e excelsa Mãe-Virgem, Maria Santíssima, por um milagre totalmente seu, exclusivamente seu. Depois dela, nenhuma outra mulher poderá ser, ao mesmo tem-

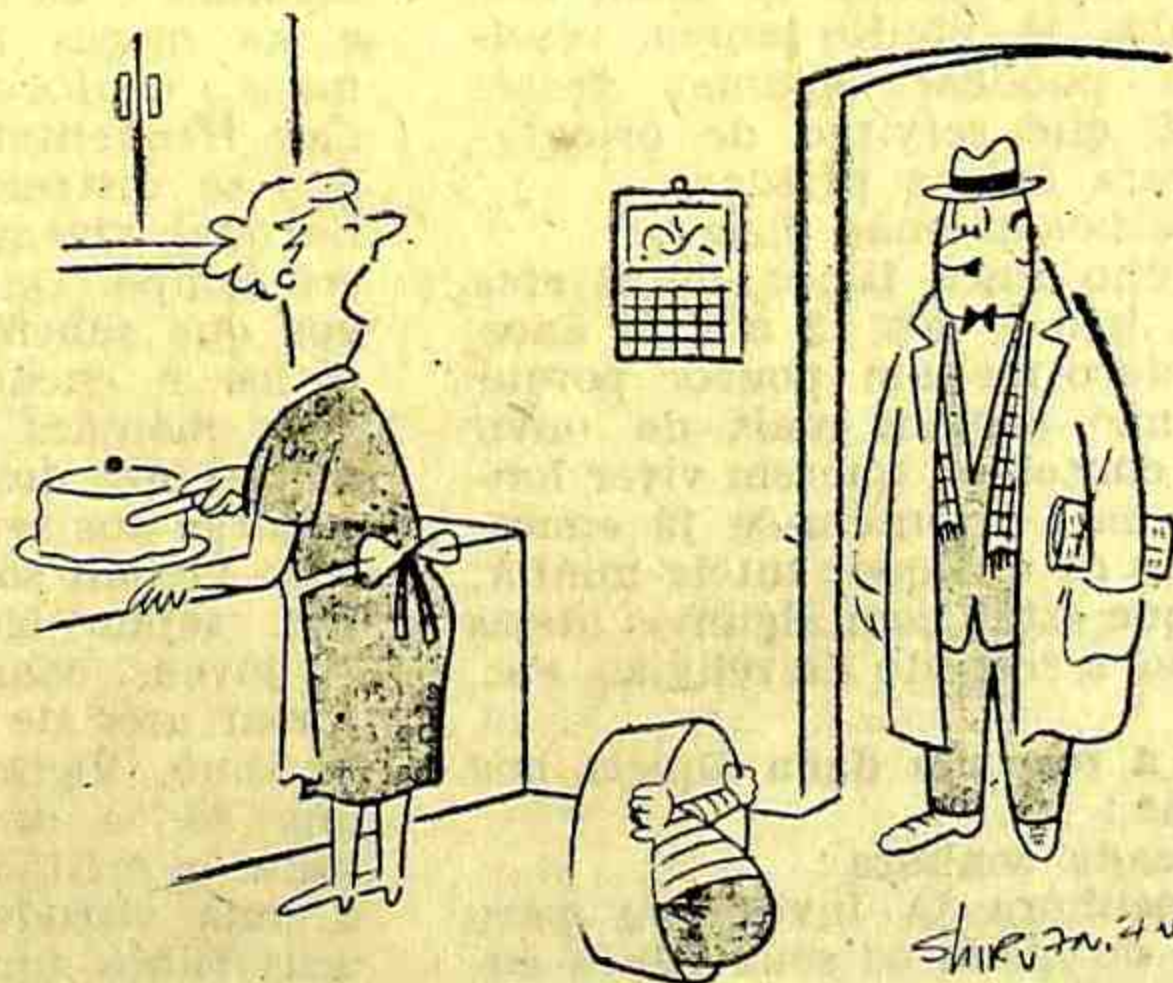
po, mãe e virgem. Mas todas deverão, como ela, ser virgens no seu coração e no seu espírito, para adquirir, nesta santa virgindade do espírito, a força para os sacrifícios quotidianos; e toda a virgem que quiser fazer da virgindade do espírito e do corpo o ideal da sua vida; para melhor servir a Deus, deve ser espiritualmente mãe, porque se não sentir e viver a maternidade como sua missão peculiar, estará gastando energias à toa, e o seu coração se prenderá a ninharias. Tanto a maternidade física como a espiritual são missões grandiosas e sublimes. Mas, para ser-se mãe unicamente pelo espírito, é necessário muito sacrifício e muito amor a Deus. A frase do Evangelho: "quando a mulher está para ser mãe, chegou a sua hora de sofrer", aplica-se também, em certo sentido, à maternidade espiritual, porque a geração à graça divina exige também a dor. Assim, Cristo nos deu a vida através da sua grande dor. Sem sacrifício não se faz nada de grande; e que melhor sacrifício do que dar a vida sobrenatural da graça a uma alma? Eis a missão das mães-irgens, em sua sublime maternidade espiritual.

DUAS FORMAS DE MATERNIDADE

A fecundidade da maternidade espiritual é proporcionada à união com Deus. Quem estiver unida a êle, será como uma videira rica em flores e frutos de salvação para muitas almas.

E porque a força de expansão está mais no amor do que no

— Olha, Bernardo. Seria bom que você inventasse muitas festas. Sempre que faço bolos, o Joãozinho fica em casa, e bem quietinho, ajudando-me a limpar os tachos.



AVE MARIA

"Pai, casei-me; tenho um filho, mas não posso mais suportar a rudeza do meu marido..."

Respondemos-lhe:

Prezada senhora; custa-me dizê-lo: o homem, cuja rudeza a sra. não aguenta mais, foi o homem que um dia, quando ainda noiva, a sra. escolheu como um sonho de fadas, como o ser que encheria e tornaria feliz toda sua existência. Ele a fascinou, não só pelos seus dotes físicos, mas também morais. Mas talvez haveria muitas diferenças entre um e outra: cultura, educação, opiniões religiosas, etc. que são fatores muito importantes num casamento. É que muitas jovens de hoje são muito apressadas em casar; não estudam bem o caráter e a índole dos jovens: enamoram-se das aparências e às vezes casam às cegas; e quantas vezes, contrariando os bons conselhos, as experiências e os avisos dos seus pais.

Se a sra. não usou muito seu raciocínio antes de se casar, use-o bem agora, e resolva a sua situação do seguinte modo:

Deverá considerar, doravante, que tem casa duas crianças que educar: uma de 4 anos, o seu filho; outra de 32, o seu marido. A senhora, que é professora, deve sentir-se muito atarefada com essa nova "escola" e com esses dois novos alunos.

A sua lição será mais com o exemplo, com paciência e tato, do que com palavras e sofisticções. Procure reviver o seu antigo amor de noiva enamorada para com aquele que a encantou antes de casar-se; lembre-se que é a ele que a sra. deve a alegria e o direito de ser e de chamar-se mãe. Não deve desentender-se, enraivecê-se nem envergonhar-se do seu companheiro de vida, porque, bem ou mal, foi a sra. mesma que o escolheu. E aqui fica também uma boa lição e aviso para tantas e tantas jovens que perdem a razão antes do casamento, e só mais tarde, quando não há mais remédio, é que viram o que fizeram.

Rezemos por elas, para que a Virgem Prudentíssima as ilumine em todos os seus caminhos.

(a)

Moças heroínas de hoje

P. A.

Ainda hoje em dia existem moças com o espírito de Santa Inês. Vou ser mais explícito: moças que preferiram a morte a manchar seu corpo no pecado da carne e da luxúria.

E não são poucas as heroínas deste século marcadamente materialista e de um exagerado valor que se dá às coisas do sexo.

As preocupações materiais e sexuais não eram também as características do século da virgem e mártir Santa Inês?

O fato que nos consola neste mundo confuso de hoje é que não faltam jovens com o espírito e a virtude da jovem mártir dos primeiros séculos de cristianismo, perfeitamente encarnada nesta outra admirável moça do nosso século, há pouco elevada às honras dos altares — santa Maria Goretti.

E esta disposição para lutar e defender a pureza e virgindade não se encontra apenas nas moças pacatas e de vida serena das cidades e aldeias do interior. Este mesmo espírito de combatividade e de defesa encontramos nas moças que vivem nos grandes centros, que assistem aos tristes espetáculos de covardia e pusilanimidade de muitas de suas colegas, que trabalham em fábricas e repartições públicas, que estudam em colégios e universidades, que ficam em filas intermináveis de ônibus e lotações, impacientes pela segurança e aconchego do lar e da família, que brincam e se distraem honestamente em mil e uma variações de distrações que as ciências e a técnica moderna criaram e inventaram para os homens modernos.

E isto é o que há de mais admirável.

Tudo isto me vem à lembrança depois que foram publicados os depoimentos e o levantamento de laudos periciais sobre a morte da jovem Aída Cúri, no Rio de Janeiro. O que ficou demonstrado

foi o seguinte: a jovem, católica fervorosa, estudante aplicada e inteligente, lutou desesperadamente em defesa de sua pureza e virgindade. E morreu por estas duas virtudes. Os "play-bois" de Copacabana estão hoje com sua consciência manchada de sangue inocente.

E a revolta do povo carioca contra o crime desses malandros do asfalto chegou a tal ponto que a polícia teve que se desdobrar para evitar que um deles não fosse linchado pelo povo justamente revoltado...

És ainda jovem?

A mocidade não é somente um período da vida. É um estado de espírito, uma oferta da vontade, uma qualidade da imaginação, uma intensidade emotiva, uma vitória da coragem sobre a timidez, e um gosto da aventura sobre o amor ao conforto.

Não se fica velho porque se venceu um certo número de anos. Fica-se velho porque se desertou do seu ideal.

Os anos enrugam a pele; renunciar a seu ideal enruga a alma!

As preocupações inúteis, as dúvidas, os temores, e os desesperos são os inimigos que lentamente nos fazem inclinar para a terra e transformar-nos em pó, antes da morte.

Jovem é aquele que se inebria e se maravilha. Ele exige como a criança insaciável. E depois? Desafia os acontecimentos e encontra alegria no jogo da vida.

Vós sereis tão jovem quanto vossa fé; tão velho quanto vossa dúvida; tão jovem quanto vossa confiança em vós mesmos; tão jovem quanto vossa esperança e tão velho quanto vosso abatimento.

Permanecereis jovens, enquanto fôrdes receptivo! Receptivo ao que é belo, bom e grande. Receptivo às mensagens da natureza, do homem e do infinito.

General Mac Arthur

CONVÉM SABER...

● Não tendo à mão ácido pírico e necessitando curar uma queimadura superficial, use azeite de cozinha ou um pouco de sabão ligeiramente amolecido em água quente.

● Lavadas em água quente onde se dissolveu sabão em escamas e uma colher de amoníaco, as roupas de lã ficam limpas e continuam sedosas. Devem depois serem enxutas, sem torcer, à sombra, repousando em tecido felpudo.





OPERÁRIO. INDUSTRIAL ?

João Claret veria com gosto o filho estudar no Seminário, mas por falta de recursos, teve de esperar melhor oportunidade. Era necessário experimentar durante muitos anos as agruras da pobreza, no trabalho rude de uma fábrica. Aprendiz ao princípio, depois, governando um tear, chegou a ser um mestre consumado, ganhando de todos os operários pela rapidez e perfeição. Durante o trabalho, enquanto se moviam os pés e as mãos, lia e estudava, tendo sempre um livro aberto. Quando alguém perguntava o que desejava fazer com tanto estudo, respondia: quero ser padre. Tornou-se logo mestre em tecelagem, a ponto de o pai julgar oportuno mandar o filho a Barcelona para que pudesse estudar e ser, talvez, com o tempo, um industrial.

Antônio chega a Barcelona e começa o estudo e o trabalho. Progride tanto num como noutro. Estuda o desenho que mais tarde será nas suas mãos arma poderosa de apostolado. Ricos industriais começam a convidar Antônio, mas ele havia de ser sacerdote e não industrial. Salvo milagrosamente por Nossa Senhora, quando estava a ponto de morrer afogado no Mediterrâneo; salvo ainda de uma gravíssima tentação de uma mulher apaixonada da qual fugiu, deixando lá o chapéu; diante da infidelidade de um amigo e ao perceber que começava a diminuir o espírito de piedade, abandonou tudo para entrar no Seminário, repetindo a si mesmo: "De que vale ao homem ganhar o mundo, se perder a sua alma?"

CAXAMBU — Da. Josefa Nogueira
CARMÓPOLIS — Da. Maria C. Sousa

Da. Maria R. Mendes
Da. Felizarda M. Santos
Amair Melo
Da. Zilá D. Pereira
Da. Maria Diniz
Da. Aurea Diniz
Sr. Geraldo Diniz
Sr. Brás A. Santos
Da. Isolina dos Santos
Da. Felizarda M. Cunha
Da. Guilhermina M. Jesus
Da. Judith R. Carvalho
Da. Elzira M. Cunha
Da. Maria Santos
Da. Carmélia Santos
Da. Maria J. Duarte

RIBEIRÃO PRETO — Agradeço a Santo Antônio Maria Claret haver protegido meus filhos por ocasião de uma doença. Mariana de Almeida Normanha.

SÃO JOÃO DA BOA VISTA — Agradeço a Santo Antônio Maria Claret a saúde de minha netinha Maria Cecília. Benedito de Almeida.

— Agradeço a Santo Antônio Maria Claret ter alcançado para meu filho feliz resultado numa operação. Benedita Dolores de Almeida.

JARDINÓPOLIS — Agradeço a Santo Antônio Maria Claret ter sido feliz no parto. Genira Marcon Marques Rezende.

PEDRALVA — Sr. João Evangelista.

DOIS CórREGOS — Agradeço a Santo Antônio Maria Claret graças obtidas em favor de minha mãe e de mim mesma. Zaira Helena Colafatti.

BRODOSKI — Agradeço a Santo Antônio Maria Claret ter passado de série. Maria Cleonice.

ARCOS — Da. Altina Alves

Da. Dulce A. Faria

CHAPADA — Sr. Antônio M. Sousa

Da. Terezinha L. Amaral

BAURU — Da. Antonieta R. Barbosa.

UBERLANDIA — Agradeço a Santo Antônio Maria Claret a cura de meus ouvidos ao mesmo tempo que dele espero outra importante graça. Raimundo Vieira da Silva.

CAMPINAS — Agradeço a Santo Antônio Maria Claret grande graça em favor de meu pai. Lourdes Freire.

PONTA GROSSA — Agradeço a Santo Antônio Maria Claret diversos favores e peço-Lhe a saúde de minha mãe. Mário Broilo.

SÃO PAULO — Agradeço a Santo Antônio Maria Claret a cura de minha filha e sua nomeação. Silvia Alves dos Reis.

SETE LAGOAS — Agradeço a Santo Antônio Maria Claret seus favores e espero de sua intercessão outras graças. Conceição Gomes Catarino.

ITAJUBÁ — Agradeço a Santo Antônio Maria Claret terem meus filhos sido felizes nos exames. Benedita dos Santos.

— Agradeço a Santo Antônio Maria Claret ter sido feliz numa operação. Laura Benedita dos Santos.

FRANCA — Agradeço a Santo Antônio Maria Claret favores alcançados por mim e por minha mãe. Olimpia Massato.

RIBEIRÃO PRETO — Agradeço a Santo Antônio Maria Claret graças em bem de minha mãe e meu sobrinho. Mary Geccani.

— Agradeço a Santo Antônio Maria Claret o bom êxito de meu filho nos exames. Maria M. Pezuto.

WENCESLAU BRÁS — Agradeço a Santo Antônio Maria Claret ter favorecido meu filho Lúcio. Joana Pontelo Andreata.

SÃO FRANCISCO DO SUL — Agradeço a Santo Antônio Maria Claret ter tido êxito de todo feliz numa operação que julgavam muitos de fatal consequência. Bernardo Duarte Silveira.

RIO DE JANEIRO — Agradeço a Santo Antônio Maria Claret me ter curado dum mal que sentia. Agradecida ajudarei duma maneira constante as Vocações Sacerdotais Claretianas. Stella Sousa da Silva.

SANTA BRANCA — Agradeço a Santo Antônio Maria Claret graças em favor de minha filha. Josefina Florêncio Braga.

NUPORANGA — Agradeço a Santo Antônio Maria Claret a cura dum eczema. Devota.

VOTUPORANGA — Agradeço a Santo Antônio Maria Claret ter meu filho alcançado por sua intercessão novo emprêgo. Nazira Ferreira da Silva.

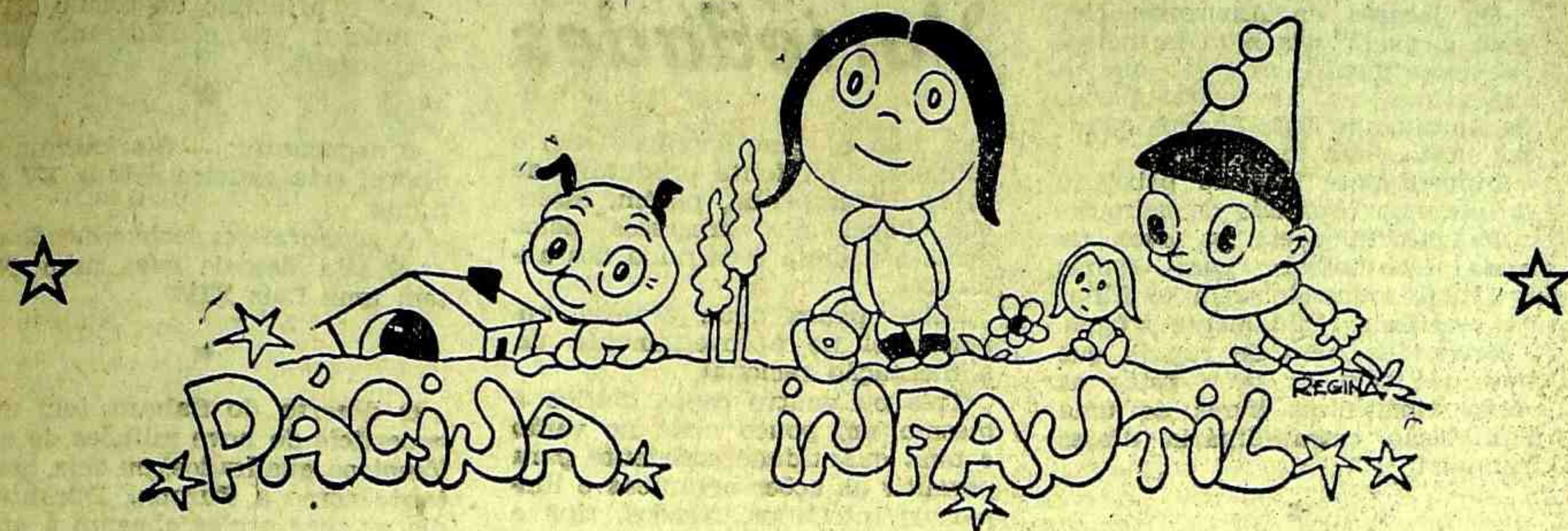
ITARARÉ — Agradeço a Santo Antônio Maria Claret a formatura de minha filha Dalva. Isaura B. Perúcio.

LAGOA DA PRATA — Agradeço a Santo Antônio Maria Claret o resultado feliz que mamãe obteve em sua operação. Alexandrina de Castro Perillo.

MONTE AZUL — Agradeço a Santo Antônio Maria Claret diversos favores obtidos em bem de minha família. Jovita da Rocha.

BOM RETIRO — Agradeço a Santo Antônio Maria Claret a cura de minha filha Eclair. Nair Villanova Sousa.

CARIOBA — Agradeço a Santo Antônio Maria Claret haver meu filho Antônio sarado de reumatismo. Cliver Santon.



REGINA MELILLO DE SOUZA

Os rapazes estavam reunidos em casa do Janjão, todos muito animados com os dados que haviam anotado para a costumeira reunião do Clube dos amigos de Jesus, quando o Maneco perguntou, confidencialmente, ao Joãozinho:

— “Ele” virá?

O outro foi franco:

— Tenho lá as minhas dúvidas! Em todo caso, esperemos um pouco mais!

— Você acha que “ele” gostou do clube?

— Ai está outra pergunta difícil de responder, meu caro! Fernando pouco falou!

— Lá isso é verdade! Mas sabe? De uma coisa ele gostou, tenho a certeza!

E sombrio, rememorando a última reunião, perguntou:

— Viu quantos sanduíches ele abocanhou? Caramba!

Enquanto os dois conversavam, o relógio continuava implacável, a marcar os minutos...

— Começamos ou não começamos? indagou o Janjão. Já é tarde!

Não havia por onde fugir e os trabalhos foram iniciados sem a desejada presença do Fernando.

O assunto para os debates era a fuga da Santa Família para o Egito. Joãozinho era quem deveria narrar o episódio.

Principiou relembando a fúria do malvado Herodes quando percebeu que os Reis Magos não haviam voltado para indicar o lugar onde havia nascido o Menino Jesus.

Estava ele descrevendo a raiva do rei da Judéia, quando recebeu uma valentíssima cotovelada do Maneco.

— “Ele” chegou! disse o outro, sussurrando.

Joãozinho sentiu um alívio no coração:

— Graças a Deus! segredou, sorrindo. O peixinho mordeu a isca!

Instintivamente Maneco olhou para o prato de sanduíches que a mãe do Janjão colocara ao lado dos refrescos e resmungou:

— Que a isca é boa, eu posso garantir!

Joãozinho continuou a ler seu trabalho. E disse que um Anjo havia aparecido em sonhos a São José avisando-o que fugisse o mais depressa possível, pois Herodes andava tramando um plano para matar o Menino Jesus. São José acordara assustado e naquela mesma noite, os três haviam fugido para o Egito!

— Pode me explicar uma coisa? perguntou alguém, interrompendo-o.

Joãozinho olhou. Era o Fernando!

— Por que o Menino Jesus teve que fugir de

Herodes? Ele não era Deus? Deus não precisa fugir dos homens! Você não acha?

Todos se voltaram, assombrados, para o interlocutor.

— Caramba! resmungou o Maneco. Esse sujeitinho faz cada pergunta! E agora? Quem responderia?

Joãozinho porém, não pareceu perturbar-se com a estranha pergunta.

— Você tem razão, Fernando. Deus Todo Poderoso, não precisaria fugir de Herodes. Bastaria um olhar seu para que ele fosse destruído.

— Então, por que fugiu?

— Vou responder com São Fulgêncio! falou, muito sério o Joãozinho. — “O Menino Jesus, diz o santo, não foge por temor humano, senão por uma Providência toda especial. Se Jesus quisesse sempre, e desde logo, manifestar-se como Deus, os judeus não teriam acreditado na sua Humanidade!” Compreendeu, Fernando?

O outro pareceu se acomodar com a explicação e Joãozinho prosseguiu a narrativa, descrevendo como Herodes, tomado de fúria assassina, havia ordenado a matança de todas as crianças de Belém e seus arredores!

A pungente descrição deixou todos os componentes do Clube amargurados.

— Coitadinhas! disse o Maneco. Será que elas foram todas para o céu?

— Certamente! respondeu o Joãozinho. A Santa Igreja confere à estas criancinhas o honroso e lindo título de “flôres dos mártires”, e celebra sua entrada no céu com a festa intitulada dos “Santos Inocentes”.

Cazusa pediu para ler um pensamento de São Bernardo, de que ele havia tomado nota em seu caderno.

— Pois não! disse o Joãozinho.

— “Quem porá em dúvida, pergunta o santo, que estas criancinhas alcançaram a coroa do martírio? Quereis ver-lhes os merecimentos? Interpelai antes a Herodes pelo crime que as levou à morte! A crueldade do tirano seria maior que a bondade de Jesus Cristo? O ímpio déspota pôde decretar a morte dos inocentes; Jesus Cristo não daria a coroa do martírio àqueles que foram sacrificados por seu amor? A estas criancinhas, por amor de seu Filho, inocentemente sacrificadas, Deus se dignou fazer a mesma coisa que todos os dias faz, pelo sacramento do batismo!”

Todos quiseram copiar aquelas bonitas palavras de São Bernardo e logo após os refrescos foram distribuídos. Os refrescos e os sanduíches que o Fernando ingeriu à vontade...

OS NOIVOS

"Ah porcos!" exclamou Perpétua. "Ah! patifes!" exclamou Dom Abbondio; e, como que fugindo, saíram para fora por uma outra porta que dava para a horta. Respiraram; foram direito à fogueira; mas já antes de lá chegarem viram a terra revolvida, e ambos juntos soltaram um grito; chegados ao pé, efetivamente acharam, em vez do tesouro, o buraco aberto. Aqui surgiram aborrecimentos: Dom Abbondio começou a ralhar com Perpétua, por não ter escondido bem; pensem se esta ficou calada: depois de haverem gritado bastante, ambos com o braço estendido e com o indicador apontado para o buraco, de lá voltaram juntos, resmungando. E calculem que por toda parte acharam mais ou menos a mesma coisa. Custaram não sei quanto a fazer limpar de novo e a desinfetar a casa, tanto mais quanto, naqueles dias, era difícil achar auxílio; e não sei por quanto tempo tiveram de ficar como que acampados, arranjando-se como melhor ou como pior podiam, e refazendo aos poucos portas, móveis, utensílios, com dinheiro emprestado por Inês.

Depois, como se isso não bastasse, veio esse desastre a ser semente de outras questões muito aborrecidas: porquanto, à força de indagar e de perguntar, de espiar e de farejar, Perpétua veio a saber com segurança que alguns trastes de seu patrão, julgados prêsas ou destroços dos soldados, estavam, pelo contrário, são e salvos em casa de gente da aldeia; e ela azucrinava o patrão para que se fizesse ouvir e reclamasse o que era seu. Em tecla mais odiosa não se podia tocar para Dom Abbondio, visto que os seus têres estavam em mãos de tratantes, isto é, daquela espécie de gente com quem êle mais desejava andar em paz.

"Mas eu não quero saber de nada destas coisas!" dizia êle. "Quantas vezes lhe devo eu repetir que aquilo que se foi se foi? Também tenho de ser pôsto na cruz porque a casa me foi depredada?" Ao que Perpétua respondia:

"Quando eu digo que vosmecê deixaria lhe arrancarem os olhos da cara! Roubar dos outros é pecado, mas dêle é pecado não roubar".

"Mas vejam só se isto são disparates que se digam!" replicava Dom Abbondio: "mas afinal quer ficar calada?"

Perpétua calava-se, mas não logo logo; e de tudo tirava pretexto para recomeçar. Tanto que o pobre homem se havia reduzido a não mais se queixar quando dava por falta de alguma coisa no momento em que dela precisaria; porque mais de uma vez lhe sucedera ouvir dizer: "Vá pedi-lo àquele camarada que está com êle, pois com êle não teria ficado até agora se não estivesse tratando com um bom homem".

Outra e mais viva inquietação lhe era proporcionada por ouvir dizer que diariamente continuavam a passar soldados avulsos, como êle muito bem havia conjeturado; pelo que, estava sempre em desconfiança de lhe ver chegar à porta algum, ou mesmo uma companhia, àquela porta que êle mandara consertar depressa, como primeira coisa, e que mantinha trancada com grande cuidado; mas, por graça do céu, tal nunca aconteceu. Contudo, ainda não haviam êsses terrores cessado, que um novo se lhes veio juntar.

Mas aqui deixaremos de lado o pobre homem: trata-se de coisa bem diversa do que das suas apreensões particulares, do que dos infortúnios de algumas aldeias, do que de um desastre passageiro.

A peste que o tribunal da Saúde receara pudesse entrar no Milanês com as tropas alemãs, havia entrado de véras, como é sabido; e sabido é igualmente que se não deteve ali, mas invadiu e despovoou uma boa parte da Itália. Conduzidos pelo fio da nossa história, passamos a narrar os acontecimentos principais dessa calamidade: porque da cidade, quase exclusivamente, tratam as memórias da época, como pouco mais ou menos acontece sempre e em toda parte, por boas e por más razões. E, para falar a verdade, nesta narração o nosso fim não é somente representar o estado de coisas em que virão a achar-se os nossos personagens, porém fazer conhecer ao mesmo tempo, na medida em que é isso possível restritamente, e na medida em que é possível de nossa parte, um episódio da história pátria mais famoso do que conhecido.

Dos muitos relatos contemporâneos, nenhum há que, por si só, baste para dar sobre êle uma idéia um pouco distinta e ordenada; como nenhum há que não possa ajudar a formá-la. Em cada um desses relatos, sem exceptuar o de Ripamonti*, que todos supera pela quantidade e pela escolha dos fatos, e ainda mais pelo modo de observá-los, em cada um são omitidos fatos essenciais que são registrados noutros; em cada um há erros materiais que se podem reconhecer e retificar com o auxílio de alguns outros, ou daqueles poucos atos da autoridade pública, éditos ou inéditos, que restam; não raras vezes, num vêem-se a achar as causas cujos efeitos se tinham visto, como que no ar, no outro. Em todos, pois, reina uma estranha confusão de tempos e de coisas; é um continuo vaivém, como à toa, sem plano geral, sem plano nos particulares: caráter, aliás, dos mais comuns e dos mais aparentes nos livros daquele tempo, principalmente nos vazados em língua vulgar, ao menos na Itália; e se também no resto da Europa, sabê-lo-ão os doutos: nós, desconfiamos que sim. Nenhum escritor de época posterior se propôs examinar e confrontar essas memórias, para extrair delas uma série concatenada dos eventos, numa história dessa peste; de modo que a idéia que geralmente dela se tem deve necessariamente ser muito incerta e um pouco confusa: uma idéia indeterminada de grandes males e de grandes erros (e em verdade houve duma coisa e doutra além do que imaginar-se possa), uma idéia composta mais de juízos que de fatos, alguns fatos dispersos, não raro desacompanhados das circunstâncias mais características, sem distinção de tempo, isto é, sem inteligência de causa e de efeito, de curso, de progressão. Examinando e confrontando, com muita diligência pelo menos, todos os relatos impressos, mais de um inédito, muitos (em razão do pouco que deles resta) documentos ditos oficiais, procuramos fazer com êles não aquilo que se quereria, porém algo que ainda não foi feito. Não pretendemos referir todos os atos públicos, e nem tão pouco todos os acontecimentos de qualquer modo dignos de memória. Muito menos pretendemos tornar inútil, a quem quiser fazer uma idéia mais completa da coisa, a leitura dos relatos originais: sentimos sobejamente que força viva, própria e, por assim dizer, incomunicável há sempre nas obras desse gênero, seja qual fôr o modo como tenham sido concebidas e orientadas. Apenas tentamos distinguir e averiguar os fatos mais gerais e mais importantes, dispô-los na ordem real da sua sucessão, na medida em que o comporta a razão e a natureza dêles, observar-lhes a eficiência recíproca, e dar assim, por enquanto e até que outro o faça melhor, uma notícia sucinta, mas verídica e seguida, desse desastre.

(*) Josephi Ripamonti canonici scalensis chronistae urbis Mediolani, De peste quae fuit anno 1630, Libri V. Mediolani, 1640, apud Malatestas.

(Continua)